

CULTURA CHINESA E PORTUGUESA EM MACAU UM BREVE ESTUDO COMPARATIVO — PERSPECTIVAS*

*Jean Berlie ***

INTRODUÇÃO

A partir de uma análise sociológica, realiza-se com este trabalho, um estudo comparativo entre a cultura chinesa e a cultura portuguesa em Macau. Há mais de cinco séculos que o Território vem sendo o testemunho mais antigo de uma relação duradoura entre as culturas do Oriente e do Ocidente, o qual a partir de 20 de Dezembro de 1999 será reintegrado na China.

O autor, por ter nascido e ter sido educado segundo o padrão cultural francês, tem, por isso, um bom conhecimento da cultura ocidental. Contudo, ele espera que o conhecimento que adquiriu das línguas portuguesa e chinesa, e de vinte anos de investigação no campo da cultura oriental, além de ainda ter devotado estes últimos seis anos da sua carreira de investigador ao estudo da cultura chinesa no Sul da China sejam levados em consideração pelo leitor. Este estudo pretende ser uma introdução a um extenso trabalho de investigação sobre o tema apresentado.

A moderna metodologia cartesiana recomenda que se passe um ano, sem interrupção, a viver no seio de uma família ou entre uma comunidade, para uma melhor compreensão da sua cultura. No caso presente, deveria ser desenvolvido em Macau um inquérito com a duração de doze a treze meses, para se poder ganhar uma certa credibilidade.

Têm-se colocado algumas interrogações sobre o interesse em se comparar culturas diferentes, mas a especificidade da sociedade macaense requer uma nova abordagem da cultura chinesa e portuguesa, principalmente com o aproximar de 1999.

A metodologia observador/observado pode ajudar a esclarecer a projectada sobrecarga cultural.

* Conferência Internacional em Macau, Março de 1993.

** Professor no Centro de Estudos Asiáticos, Universidade de Hong Kong.

O presente ensaio constitui o primeiro passo para uma perspectiva global da sociedade do Território.

A MISTURA DE DUAS CULTURAS

Antes de tentar caracterizar os traços mais importantes da cultura chinesa e portuguesa, importa definir o conceito de «cultura». A designação correspondente em português é cultura, um termo mais antigo que o inglês. O conceito anglo-saxónico surgiu apenas em 1805.

Wang Gongwu demonstrou que *Wenhua*, cultura em chinês, também surgiu tardiamente, tendo sido um empréstimo do japonês *Bunka*, e que se escreve com os mesmos caracteres chineses *Wenhua*. Nas duas línguas, o conceito não difere, e exprime a ideia de se ser civilizado (Wang 1992: 146).

Uma questão a ser investigada, posteriormente, noutros trabalhos e que importa precisar é a diferença entre cultura e civilização.

Na situação presente, cultura significa elaboração e refinamento do pensamento, a dimensão simbólica do «homem» numa região particular do mundo e um padrão de pensamento e de acção que actue nas formas de comportamento e nas instituições da sociedade.

No seu último livro «The Dai of China», Wang Gongwu entendeu introduzir elementos de história, organização social, línguas e religião, como ponto de partida para a compreensão de uma determinada cultura do Sul da China. Com o presente trabalho, é facultado ao leitor uma abordagem preliminar dos padrões culturais e de algumas ideias que perspectivam um futuro atractivo para a sociedade macaense.

Da cultura portuguesa sobressai, num primeiro olhar, um traço de características marítimas, com origem no sudoeste europeu da costa atlântica, contrastando com a cultura chinesa que vai buscar as suas origens à agricultura. A cultura portuguesa, através de uma política de educação, conjugada com variadas medidas diplomáticas, estabelecidas ao longo dos séculos, soube manter-se viva, apesar do forte envolvimento cultural chinês.

Donde provém então esta cultura específica chinesa? A antiga cultura Nanyue e a própria província de Cantão desempenharam, certamente, um papel relevante na formação do espírito cultural de Macau.

O cantonense é a língua mais falada em Macau e pertence ao dialecto Yue. No que respeita à educação, enumeram-se, não de forma exaustiva, alguns aspectos: anteriormente à recente criação da Universidade de Macau, o cantonense era ensinado na Escola de Língua Sínica (Macau 1927: 108-110). O total de professores desta escola atingiu os doze, estando matriculados trinta e sete alunos entre 1909 e 1910.

Presentemente, a língua portuguesa predomina na Administração Pública, competindo com a língua inglesa muito divulgada entre os empresários privados. O Putongua tem aqui, proporcionalmente, um papel mais importante que em Hong Kong. Outros dialectos, tais como o de

Shanghai (dialecto Wu), o de Chaozhou e de Fujian (dois dialectos Minnan), têm uma representação secundária em Macau. Cada um destes dialectos e em particular a língua portuguesa aqui falada constituem um legado e são uma herança cultural.

No quadro comparativo seguinte, expõem-se as linhas de orientação deste trabalho.

QUADRO COMPARATIVO DA CULTURA PORTUGUESA E CHINESA

| CULTURA PORTUGUESA | CULTURA CHINESA |
|---|--|
| — Origem: Mediterrânica e Céltica | — Origem: Sincrónica (assimilação de outras culturas desenvolvidas no seio do Império do Meio) |
| — Característica principal: Marítima | — Agrícola, secundada pela marítima |
| — Épica | — Histórica |
| — Poética (baseada principalmente em sentimentos e na religião) | — Poética (naturalista, estética e ética) |
| — Individualista | — Holística e multipolarizante (sistema de redes guanxi, onde se inclui, em particular, a família, amigos, colegas de escola... e associações) |
| — Utilitarista | — Utilitarista |
| — Tolerante | — Adaptável |

A cultura portuguesa é de índole épica — Camões, Mendes Pinto (1514-1583) e Pessanha representam modelos dessa tradição. No entanto, prevalece a dimensão histórica. A História é um dos traços principais da cultura chinesa.

Segundo Stephan Feuchtwang (1991:267), a História será «a teologia da nação na existência eterna da sua tradição, já presente através da cultura, embora ainda não totalmente visível ou sentida pela população».

Paralelamente ao comportamento tradicional, culturalmente alimentado por um mito da história chinesa, existem novos sentimentos de modernidade. Modernidade não é um critério consistente mas um terreno disputado.

O futuro cultural de Macau está ligado às actuais «Quatro Modernizações» da China, lentamente substituídas por uma nova definição de pósmodernidade «Gaige Kaifang» — «Abertura e Reformas».

Da nova era pós-moderna, e segundo a análise de Daniel Bell e Gilles Lipovetsky, constata-se que os rígidos contrastes culturais começaram já a diluir-se, estando também em mutação a relação entre cultura e economia. Assiste-se, mais do que nunca, à negação do tradicional, que passou a dar lugar ao culto pela novidade e mudança. Pesam aqui as constantes inovações que, de Hong Kong, influem na cultura portuguesa e chinesa.

Do mesmo modo, não podemos esquecer Cantão, que é a cidade de maior importância nas proximidades de Macau.

O Modernismo é um período que se encontra em rápida mutação e o que há alguns anos atrás podia ser considerado de moderno é hoje tido

como velho e obsoleto. Os amadores de arte clássica vêem o Modernismo como o fim de uma certa forma de perfeição, ou antes como «o natural supra-naturalismo, como foi referido por Paul Valéry, em 1927, quando entrou para a Academia Francesa. Deus está morto no actual período pós-moderno mas, para o Taoísmo, «Gushen bu si», isto é, o deus do vale nunca morre (*in* Dao De Jing, cap. 6). Uma visão mais optimista do modernismo é dada no próximo parágrafo.

Louis Dumont atribuiu as origens do individualismo à cultura cristã. A cultura portuguesa, no Modernismo, é individualista, em contraste com a sociedade chinesa que é holística, subordinando durante séculos, o indivíduo à sua benevolência, muitas vezes sem que ele disso se tenha apercebido. Uma sociedade nominalista, por contraste, privilegia no indivíduo o realismo e não a relação. Alguns escritores valorizam demasiado o individualismo e salientam a ausência de identidade, após a II Grande Guerra em Macau (Fernandes 1986: 19). No entanto, tal como foi referido por Dumont (1985: 19), as sociedades ocidentais não valorizam a hierarquização. Daí que o aspecto antitético das suas naturezas, individualista e holística, seja provavelmente a diferença mais profunda entre as culturas portuguesa e chinesa.

A cultura chinesa em Macau, envolvida por várias ligações pessoais «guanxi», é bastante mais complexa. Obviamente que a grande família, à semelhança do que se passa noutros países asiáticos, constitui o primeiro círculo holístico e multipolar. No entanto, os amigos, companheiros de escola e as múltiplas associações, contribuem para o estabelecimento e manutenção das intrincadas redes culturais chinesas. Os falantes naturais de Cantão, Shanghai e Fujian, incluindo os antigos chineses Huaqiao ultramarinos (particularmente na Indonésia), vivem e organizam os seus negócios e a vida pública através dessas redes de contactos sociais, políticos e profissionais. O impacto cultural criado na sociedade chinesa pelo Confucionismo foi alvo de estudo por parte de Jacques Gernet (1990: 86 e 1991: 27).

No que respeita à ética, cada cultura tem as suas próprias vantagens. Para Joseph Needham, posterior a Max Weber, a matéria e o espírito estão separadas, em contraste com a ênfase holística da civilização chinesa. O que pensar do utilitarismo ou da moderna afirmação do materialismo?

Não podemos encontrar uma resposta óbvia. Desde o começo do «Dao De Jing», o Céu (Tian) e a Terra (Di), estão simbolicamente unidos pelo conceito de não existência («o não ser»); o conceito de existência conduz ao «Wanwu zi Mu» («a Mãe das dez mil coisas»).

A religião chinesa, uma parte da cultura macaense, é principalmente um culto de antepassados e um sincronismo de Taoísmo, Confucionismo e Budismo. Quase imperceptível, o Islamismo chinês também existe em Macau.

Inversamente, a cultura portuguesa vai encontrar as suas raízes na resposta, no sentimento e na religião. Nos tempos pós-modernos, em que as sociedades e os indivíduos se encontram em permanente adaptação às circunstâncias criadas por rápidas mudanças, a cultura portuguesa, na sua

essência, poderá ser definida como mais individualista, porque, à semelhança do que se verifica noutras culturas ocidentais, centra-se na família nuclear — o elemento atómico constituinte da sociedade. Este facto não reduz a importância da tradição em determinadas famílias que dominam a língua portuguesa.

Finalmente, pergunta-se: que característica dominante distingue então a cultura macaense?

Poderá ser a tolerância portuguesa e adaptabilidade chinesa.

PERSPECTIVAS

Tal como foi referido por Rigaud, o Estado é o coração de todos os reflexos da cultura. Um antigo governador de Macau (Oga 1966: 37) considerou, na ocasião, que para se garantir um futuro cultural risonho, uma das questões primordiais a ter em conta, é a crença nas qualidades da população de Macau.

A Declaração Conjunta Sino-Portuguesa, por outro lado (Anexo 1/1), afirma que:

«Baochi xianxing de shehui, Jingji he shenghuo fangshi, wushi nian bu bian». («O sistema social e económico vigente em Macau permanecerá inalterável durante cinquenta anos»).

A cultura macaense, resultante da interligação de duas culturas principais, tem-se destacado, ao longo destes cinco séculos, no desenvolvimento cultural de Macau. Constituindo uma força viva, esta cultura peculiar tem vindo a enriquecer-se pela integração alquímica das duas culturas.

A questão que se coloca é: qual destas culturas permanecerá no século XXI?

Descreve-se, em seguida, um possível modelo: tal como foi definido pela UNESCO em 1982, posteriormente a Max Horkheimer e Theodor Adorno na «Dialética do Iluminismo», 1947, é suposto que as indústrias culturais cubram, por exemplo, áreas como a da fotografia, ciência computadorizada, cinema, televisão, rádio, turismo, publicidade, e até mesmo a relação entre estas indústrias.

Após 1999, a cultura portuguesa, pela Declaração Conjunta, poderá permanecer como ponte de ligação entre a cultura chinesa e as grandes áreas culturais do resto do mundo. Esta oportunidade de abertura ao mundo cultural e económico exterior terá de ser estabilizada durante os próximos sete anos.

Acrescentar criatividade à educação poderá ser um contributo para uma modernização cultural, esperada por toda a sociedade. Augustin Girard (UNESCO 1982:38), a propósito deste assunto, referiu também que o desenvolvimento de novos equipamentos audiovisuais e de novas redes tais como os videogramas, satélites, tecnologia computadorizada, monitores de televisão e de telefone irão, a longo prazo, ditar o futuro de todos os produtos visuais.

É provável que a China pretenda envolver-se no desenvolvimento

destas novas indústrias e tecnologias, o que conduzirá inevitavelmente a um esperado aumento da produção cultural.

A avaliação, em termos gerais, dos financiamentos, custos e objectivos económicos, que não se enquadram no âmbito deste estudo, é uma questão que foi aqui aligeirada.

No entanto, serão considerados, em particular, os efeitos negativos das indústrias culturais em termos de custos, comparativamente com outras actividades mais tradicionais.

Consideramos ser mais realista analisar as suas interacções positivas, para se determinar em que condições (promoção, distribuição e formação) cada uma das indústrias poderia suportar o sistema cultural em cada estágio do seu novo desenvolvimento.

Em Macau, este é um desafio que se coloca tanto agora como no futuro.

Segundo Augustin Girard, compete às autoridades públicas:

1. Estimular a vida cultural da população.
2. Promover a qualidade dos meios de comunicação.
3. Impulsionar o trabalho criativo, oferecendo alternativas a diversos talentos profissionais e artísticos.
4. Modernizar as instituições culturais tradicionais.
5. Salvaguardar a influência cultural em Macau.

Para se proporcionar à população de Macau e à sua cultura própria um futuro harmonioso, parece-nos necessária a implementação de políticas culturais, através da educação, formação de especialistas, meios de comunicação (cinema, rádio, televisão, jornais e revistas), bibliotecas, museus, teatros, não esquecendo a juventude que constitui, obviamente, o elemento mais relevante do potencial cultural.

Para uma modernização cultural e preservação dos registos e tesouros culturais, Macau precisa, certamente, de novos modelos de intervenção pública e privada, sobretudo em vésperas de um novo século.

BIBLIOGRAFIA

- BARRET, Richard A. 1991 — *Cultura and Conduct. An Excursion in Anthropology*. Belmont, Cal.: Wadsworth, 238 p.
- BENNET, A. B. J. Fryer. 1967 — *The Introduction of Western Science and Techonology in to Nineteenth Century China*. Cambridge, Mass.:Harvard University, 157 p.
- BERLIE, Jean. 1991 — *Les Dai de Chine*. Metz: Cercle de Culture et de Recherches Laotiennes (Research Centre on Lao Cultura), 137 p.
- DA SILVA, Beatriz B. 1989 — *Presença Portuguesa no Oriente(Portuguese Cultural Heritage in the Far East)*. Macau: Post and Telecommunication, 51 p.
- DIAS, Jorge. 1986 — *O essencial sobre os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisbon: National Press, 59 p.
- DUMONT, Louis. 1985 — *Essais sur L'Individualisme. Une Perspective*

- Anthropologiquesur L'Ideologie Moderne*. Paris: Seuil, 1st. ed. 1983, 314 p.
- FERNANDES, Henrique S. 1986 — «Macau de Ontem», in: *Presença da Cultura Portuguesa no Extremo Oriente* («Portuguese Cultura in Eastern Asia»). Macau: Cultural Institute, 5-20.
- FEUCHTW ANG, Stephan and WANG Migming. 1991 — «The Politics of Culture or a Contest of Histories: Representation of Chinese Popular Religion». *Dialectal Anthropology* 16, 251-272.
- Foreign Languages Ed. 1987—*Zhongguo Renmin Gongheguo Zhengfu he Putaoya Gongheguo Zhengfu Guanyu Aomen Wenti de Lianhe Shengming. Declaração Conjunta Sino-Portuguesa Sobre a Questão de Macau*. Beijing: Foreign Languages Edition, 83 p.
- GERNET, Jacques. 1990 — *Le Monde Chinois*. Paris: Armand Colin, 1st. ed. 1972, 699 p. (also translated in English). («Confucius» chap. 4/2, 85-86).
- c. 1991 — «Le Confucianisme comme Projet Culturel et Projet de Société». In: *La Cultura comme Projet de Société* («Culture as a Project for the Society»). Campin, Belgium: Universities Press, 23-29.
- LAO Zi. 1984 — *Lao Zi Jiaoshi* («The Teaching of Lao Zi»). Beijing: Zhonghua Shuju Edition, 18 + 342 p.
- LE MONDE. 1992 — «La Chine et l'Occident». *Le Monde*. December 24, 1992, pp. 1,6.
- LIPOVETSKY, Gilles. 1983—*L'Ere du Vide. Essais sur L'Individualisme Contemporain*. Paris: Gallimard, 249 p. («Modernity and Post-Modernity», 89-151).
- MACAU. 1927 — *Anuário de Macau. Ano de 1927*. Macau: National Press, 391 + 110 p.
- MENDES PINTO, Fernão. 1614—*Peregrinação* («Peregrination»). Mem Martins: PEA, no date, 2 vols. 367 + 367 p.
- METAILIE, Georges. c. 1992 — «*Guanyu Jindai Zhiwuxue*» («About Contemporary Botany») (ms), 5 p.
- NEEDHAM, Joseph. 1972 — *Science and Civilisation in China. History of Scientific Thought*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1st. ed. 1956, XXIV + 697 p.
- 1976 — «History and Human Values». *Centennial Review* 20/3-4, 1-35.
- OGA. 1966 — *Discurso do Governador de Macau no Conselho Legislativo*. («Speech of the Governo of Macau in the Legislative Council»). Lisbon: Overseas General Agency (OGA), 77 p.
- RENARD, Jacques. 1987 — *L'Elan Culturel* («The Cultural Impetus»). Paris: PUF, 227 p.
- RIGAUD, Jacques. 1990 — *Libre Culture* («Free Culture»). Paris: Gallimard, 445 p.
- TOMÁS, Maria Isabel. 1992 — *Os Crioulos Portugueses do Oriente. Uma*

- Bibliografia* («Oriental Portuguese Creole Dialects. A Bibliography»). Macau: Cultural Institute, 245 p.
- TSCHUMI, Raymond. 1975 — *Théorie de la Culture* («A Theory of Culture»). Lausanne: L'Age d'Homme, 267 p.
- UNESCO. 1982 — *Cultural Industries. A Challenge for the Future of Culture*. Paris, 236 p.
- 1987 — *Cultural Development. Some Regional Experiences*. Paris, XIII + 477 p. («Cultural Development in Asia», 193-281).
- WANG Gungwu. 1991 — *The Chineseness of China*. Hong Kong: Oxford University Press, XII + 354 p.